

grande sertão: veredas

ALFREDO JACQUES

“A genialidade é experimental: geniais são as criações que ainda podem ter filhos, que são matrizes vivas da cultura¹.”

A produção literária de João Guimarães Rosa confirma a verdade da citação acima. Seus livros, os que antecedem *Grande Sertão: Veredas*, são tentativas mais ou menos afortunadas para atingir o alto tom de expressividade obtida nesta obra. Traduzem, todos, o esforço quase obsessivo do escritor aferrado à busca de um instrumento de expressão para a riqueza de sua experiência artística. Consegue-o em *Grande Sertão: Veredas*. Nêle sua imaginação criadora culmina. O artista realizou-se. Insere-se na fórmula de Eduardo Spranger que resume e encerra a essência do fato estético: impressão-expressão e forma².

Grande Sertão: Veredas nos põe em comunicação com o sertanejo (o matuto, o babaquara, o biriba) e nos faz conhecer suas reflexões que são um filosofar filho da paisagem e das relações humanas mais simples.

Pertinentemente, um pensador patricio, lamentando a falta de sedimentação filosófica nas camadas mais representativas da *intelligentsia* brasileira, assevera ser esta a maior carência da nossa vida cultural. E no folheto em que faz semelhante assertiva, porém, já em trilha diversa, acrescenta: “Não são apenas os assuntos, os temas, que podem variar nas manifestações nacionais de uma literatura (ou nas manifestações de uma literatura nacional, o que dá no mesmo). É a própria inspiração que pode — e deve — alargar o seu raio de ação, indo procurar alimento em todos aqueles veios pelos quais circula a corrente subterrânea da cultura nacional³”.

Assim, os dois mananciais em que se dessedentou a inextinguível sêde de criatividade de João Guimarães Rosa: o sertão e o dialeto caipira.

No que concerne ao último, nunca está demais lembrar que, espalhado pelos bandeirantes, durante duzentos anos, por este Brasil sem fim, foi a nossa única e verdadeiramente fala popular. Tendo como substrato o português antigo, do século xv, sobre o qual acumulou-se um aluvião de vozes indígenas e africanismos, surgiu inicialmente com admirável uniformidade. Na opinião de um dos nossos mais abalizados dialetólogos, Gladstone Chaves de Melo, o substrato teve força maior do que o superestrato.

Tal, em síntese, o dialeto caipira.

João Guimarães Rosa vivifica-o. Dá-lhe espírito com seu estilo, que o estilo é o espírito de uma língua. Afina-o, como a um órgão para ser ouvido não em recinto de templo de idioma civilizado e sim no âmbito de enorme caverna cujo eco comporá a bárbara e bela música do primeiro linguajar plebeu, disseminado, ainda, por todo o *hinterland* do Brasil.

Onde se lhe encontrou, o romancista, o segrêdo da expressividade? Não tanto no vocabulário, que tão-somente do Tupi registra cerca de 10 000 vocábulos. Mas, sobretudo, nos fenômenos sintáticos alteradores da estrutura de uma língua — intensificação do valor significativo da idéia, com a redobração de palavras na frase, ou de sílabas na palavra; focalização do sentido pelo ritmo, com a troca de posição entre o determinante e o determinado; interação ou reduplicação de sufixos diminutivos, e em outros muitos fatos da linguagem. Que êle abusou? Assim nos parece, a nós espíritos timoratos, ao depararmos com certas liberdades que vacilamos em tachar de cabriolas do estilo ou agressões à gramática.

E todo êsse material-instrumental João Guimarães Rosa sempre o teve ao alcance da mão. Usou-o, sem sombra de dúvida, muito mais inteligentemente do que os seus predecessores que escreveram literatura regional servindo-se do linguajar mineiro. Em Minas sobrevive o dialeto caipira. São palavras de Gladstone Chaves de Melo: “Quanto a língua vulgar, digo, tenho para mim, que a de Minas representa a feição mais antiga e que, por isso mesmo, na generalidade dos casos, nela temos o denominador comum dos falares plebeus brasileiros. Sim: são raros os fatos da língua popular de Minas que não se encontram em todo o interior do Brasil e vice-versa”. Portanto, não nos espantemos de que os livros de João Guimarães Rosa fervilhem de vozes e modismos que julgávamos fôssem tipicamente gaúchos, como não devemos de nos surpreender ao encontrar nêles termos supostamente platinos, quando em realidade se trata de velhas peças de prataria da casa.

Têm as Matemáticas virtualidades que chocam o bom-senso. Na teoria dos conjuntos, por exemplo, a parte pode ser igual ao todo. Vocabu-

listas crioulos atribuem 60% dos vocábulos sul-rio-grandenses à fonte hispano-platina ou puramente platina⁸. A parte maior do que o todo! Levaram as lampas às Matemáticas. A massa dos fatos dialetais do gaúcho brasileiro, comum a todo o interior do Brasil, dizê-la menor do que a soma dos elementos alienígenas que a enriqueceram, incluindo os empregados na vida pastoril, não convence e soa como um provinciano “por que me ufano do meu Estado”.

No referente ao sertão, é este para João Guimarães Rosa o que é a pampa para os escritores regionalistas platinos: força telúrica modeladora do homem. Pampa e sertão modelaram respectivamente o gaúcho e o sertanejo, dando-lhes diferentes visões do mundo. A imensidade dos campos argentinos, uruguaios e brasileiros, da campanha do extremo sul, suscita naquele que por êles cruza a cavalo a lisonjeira ilusão de que ao trote de sua montaria move-se o eixo do orbe. O horizonte invariável, fugindo nas distâncias, fá-lo o centro de um círculo cuja circunferência acha-se no infinito. E do seu psiquismo, a síntese entre o sujeito e o objeto. O sujeito, êle. O objeto, o Universo. Introjcta-se o Universo; ei-lo, agora, centro do mundo.

Na pampa, como numa superfície euclidiana, os caminhos dos homens são paralelas que nunca se encontram. Vale dizer, são condutas que extremam pelo individualismo, que pecam pela falta de comunicabilidade. Fechados em sua mesmidade, dão ao observador a impressão de absolutizados num estágio de narcisismo não ultrapassado. Daí o tórvo misoneísmo dos caudilhos da pampa. Daí êsses personagens, feros, ariscos, insociáveis, que encarnam o mito da hombridade. V. G. Martim Fierro, o negro Bonifácio.

D. Segundo Sombra, protótipo das virtudes gauchescas, simpático e áspero pedagogo campeiro, acorda seu pupilo que dorme na cama de arreios, vibrando-lhe lépido chicotaço acompanhado do conselho: *Hacete duro, muchacho!* Fazer-se duro para quê? Consoante os valores em voga na pampa, para fazer-se o paradigma “del varón valiente”, sério, cauto, extrovertido, às vêzes. Com o que granjeará o respeito dos grandes, infundirá temor nos pequenos e receberá o aplauso, ou a demonstração de inveja de seus pares, e cultivará a auto-admiração que conduz a um representar para si próprio.

O gaúcho é um ator à procura de palco. Não o incriminemos por isso, senão não o compreenderemos na ribalta da História à luz dos acontecimentos. Soldado de Mitre, ou de Lavalleja, *montonero* de Rosas, ou — por que não confessá-lo? — maragato ou chimango, nossos, ali o temos, mal-

baratando a vida nos entreveros. Teatral sempre, épico; porque a epopéia demanda teatralidade. Herói, ator na *melée épique*. Ator ainda no epilogar do combate, onde, numa apoteose da ferocidade, degola o adversário caído.

Proscênio impróprio para o épico é o sertão. Na inconstância de seus aspectos — ora, a caatinga, o carrascal, ou a serra, ora, o brenhal, o brejal, ou a fleresta virgem — o homem se desindividualiza e escapa ao absoluto de um interiorizar-se que o coisifica, pois a paisagem lhe nega tóda e qualquer alusão que, refletida no espelho de si mesmo, o induza a considerar-se o centro do mundo. Daí a humildade do sertanejo, a sua busca de calor humano, fugindo à solidão. Para êle, vida e sertão não são palcos e sim desafios com que Deus prova os homens. E Deus é uma instância superior para a qual o homem apela, emergindo de sua interioridade.

Caboclos, capiaus, catrumanos, João Guimarães Rosa retrata-os, todos, com um realismo que só os gênios conseguem. Pinta-os como jagunços na jagunçagem: bravos e cruéis como os seus irmãos da pampa. Bravura que dispensa encenações, crueldade sem exibicionismos. Matam e morrem na lei do mais forte, tocando o inimigo, abatendo-o, impiedosamente. O desfecho de seus reencontros fraticidas: o corpo-a-corpo à arma branca, no qual não dão nem pedem quartel e os que sobrevivem são os vencedores. Fel das paixões humanas, isso, misérias da guerra. Todavia a guerra, flagelo ou catarse, irmaniza os homens; torna-os iguais e livres perante a morte. Pelo menos, é o que rezam os versos do filósofo:

Tout bonheur sur la terre

Est dans la lutte, amis!

Oui, pour devenir amis

Il faut la fumée de la poudre!

II

Mas, em *Grande Sertão: Veredas*, que espécie de homem é êsse Riobaldo de cuja narração soliloqueal, rememorativa, desprende-se um drama individual que é o drama de um povo? Quem é êle que, aos olhos de alguns dos nossos melhores críticos, aparece tal um petulante aluno da Sorbonne (depreciativamente: *un sorbonnard*), discutindo Sartre? Choca-nos constatar: é um caipira professor de roça, um matuto matutando. Um sertanejo a filosofar, sorrimos, como se o ato de pensar fôsse tão-sòmente contradicho nas inteligências cultivadas. Preconceito nosso. Merecemos o

irônico qualificativo com que José Ortega y Gasset zurziu os que assumem tais atitudes: beatos da cultura. Esquecemos que o pensamento reflexivo tanto pode valer-se de nomes e números como de metáforas, símbolos, dependendo, é claro, da mente daquele que o exercita. Podemos pensar com categorias ou com alegorias. A função de pensar é um exercício vital; pensa-se como se respeita, se come ou se dorme.

Por outro lado, a obra de arte tem significações que ultrapassam o objeto representado. Que representa Riobaldo, além do revolucionário que nêle se amoita, ou do subversivo que, ocasionalmente, acoita? Representa a alma de um povo. Relembremo-nos de *Os Sertões* e do impacto causado por êsse livro em nossas elites da época. Revelou-lhes que o sertanejo era um forte, que ao atacá-lo “atacava-se a fundo a rocha viva da raça, o cerne de nossa nacionalidade”. E pela primeira vez, talvez, em nossa história, nossos letrados sentiram-se verdadeiramente brasileiros. *Grande Sertão: Veredas* repete, em escala bem mais vasta, o que aqui fica dito de *Os Sertões*: une-nos em tórno de um tipo geral representativo de nossa gente, que se espalha por êsses brasis a fora. Êste um dos característicos da criação artística: reunir o individual no social. Reunir (re-unir), isto é, tornar a unir. “A obra de arte” — frisa Jean Duvignaud — “recompõe, atrás de mim, uma unanimidade que soluciona as parcelas de uma humanidade dividida⁸.”

A criatura humana é tanto interioridade quanto exterioridade. Sua alma, sua palma, seu corpo, sua culpa. Ao entrarmos em contato com Riobaldo, já o vemos inquirindo a si mesmo, de suas andanças em companhia de outros de sua igualha. Responde a êsse inquirir: “Tudo sobrevém. Acho, acho que é do influimento comum. Será? Medida de muitos outros se iguallassem com a minha, êsses também não sentindo, não pensando. Se não por que era que eram aquêles aprontados versos — que a gente cantava, tanto tôda-a-vida, indo em bando por estradas jornadas, à alegria fingida no coração⁹”.

Aborrece a vida de jagunço. Entretanto, aderindo a Diadorim, adere à jagunçada, por amizade ao amigo, que êle ignora ser mulher nascida e criada para a jagunçagem. Não ambiciona o mando, mas o empalma no momento preciso. Antes, porém, enreda-se em interrogações íntimas, conflitantes, que, a êle, homem de ação, o fazem titubear! Servir a Deus ou ao diabo? Dúvida que deve ser posta nestes têrmos: há ou não há valôres humanos?

A esta altura do romance, estranhemos o fato de Riobaldo refletir como se o fizesse metafisicamente. Como se Deus e o diabo não fôssem

chaves, emblemas, ou alegorias, que ajudassem a decifrar aquilo que suas vivências lhe ensinaram: o contraditório da conduta humana. Academicismo, cientificismo, maneirismo literário, envolve essa nossa implicância.

Portanto, aceitemos Riobaldo como assunto transunto, isto é, cópia copiada do *homem humano*. Apeguemo-nos às suas idéias, sem esquecermos o profundo sentido referencial das mesmas: o sertão é a vida, a vida é um desafio. Na travessia do sertão, ou seja, da existência, deparamos com as veredas. São oásis através dos quais serpenteia um fio d'água, ou rumeja um arroio. Lugares onde os buritis espalmam suas fôlhas dispensatrizes de sombra e refrigério. São caminhos amolecedores que predis põem à inação, ao sonho. Nelas o viandante descansa e recobra alento para prosseguir a jornada. Por elas, passam e perpassam, resistindo-lhes ao fascínio, individualidades marcantes: Medeiro Vaz — o Rei dos Gerais, Joca Ramiro — o justiceiro, Zé Bebelo, mandão mandante, na desfrutação do gozo do mando, com aspirações a deputado, belas intenções e capacidade para administrar o mundo universo, Hermógenes, a quem apraz e compraz o inspirar terror. No sertão bramem os touros selvagens do medo e do ódio. Mas ao medo — pensa Riobaldo — combate-se com a coragem. Ao ódio com amor. Ele, exímio na gatilho, é manduruvá (Tatarana) apenas quando alveja em defesa própria, ou na lei da jagunçagem. E cascavel (Urutu-Branco) terrível no bote, quando na condição de chefe que exige e impõe autoridade.

Acaba acariciando um objetivo: revirar a vida, revirar o sertão; ao colo trazendo uma causa: vingar a morte do pai de Diadorim, trucidado pelos hermógenes. Longe está de adivinhar que o amito (Diadorina-Electra sertaneja) o ama, como soem ser as mulheres no ódio e no amor, extremosas.

No mundo vida sertão há, também, veredas mortas. São o término, o delta pantanoso em que se estratificam os depósitos aluviais das sociedades fechadas.

Ao arriarem às Veredas-Mortas, Riobaldo e o bando, chefiados por Zé Bebelo, o romance transcende do plano individual para o coletivo. No caminho topam com os catrumanos, malta de mansas feras, brancos e bravios, malcobrindo a nudez dos corpos com um arremêdo de indumentária. Empunham armas antiquadas, deitam olhares cobiçosos ao armamento moderno dos jagunços. Em obediência à ordem daquele que os capitaneia, adianta-se um deles para saudar Zé Bebelo e render-lhe explicação: — “Ossenhor utúrje (outorgue), mestre, a gente vinhemo no graminhá... Ossenhor utúrje...”

Narra, numa algaravia que é um ronrom de onça mastigando carniça, do qual espoucam, irreconhecíveis quase, vocábulos de um português arcaico, do século XVI, que estão ali a barrarem a passagem ao povo de Sucruuiu, atacado de bexiga preta.

Dá a explicação e indaga: “— O que mal não pergunto: mas donde será ossenhor está servindo de estando vindo, chefe cidadão, com tantos agregados e pertences?”. “— Ei, do Brasil, amigo! — Zé Bebelo cantou resposta, alta graça. — “Vim departir alçada e fôro: outra lei em cada esconso, nas toesas dêste sertão...”¹⁰”

Zé Bebelo, político ardiloso, arauto de franquias, engabelador das massas, não enxergou aquilo que Riobaldo João Guimarães Rosa viu: o ódio grosso daquela gente. Dali, até o Sucruuiu, ao chouto de cavalo estafado, Riobaldo medita na miséria dos catrumanos e na desgraça que poderia sobrevir. “De homem que não possui nenhum poder nenhum, dinheiro nenhum, o senhor tenha todo medo”¹¹ — adverte. Duvidou da Justiça da Terra: “Duvidava dos fojos do mundo. E por que era que há de haver no mundo tantas qualidades de pessoas — uns já finos de sentir e proceder, acomodados na vida, tão perto de outros, que nem sabem de seu querer, nem da razão bruta do que por necessidade fazem e desfazem. Por quê?”¹²”

Tropel de mau agouro o dos pensamentos proféticos que lhe trotam na alma. “E de repente aquêles homens podiam ser montão, montueira, aos milhares mis e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do brenhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades”¹³”

No Sucruuiu, arruamento de palhoças de pobres capiaus, o surto de bexiga preta passara. O povo, servo de gleba do fazendeiro Habão, dava duro na enxada. Ancorado o bando naquelas paragens, Riobaldo vendo crescer seu conflito íntimo, vacila entre Deus e o diabo. Ensaia um pacto com o demo e descobre, enfim, depois de muita angústia que o diabo não existe, que o diabo é o homem que se arredou de Deus. Diminui sua fé na sinceridade dos propósitos de Zé Bebelo, chefe mandante, tão-só atenção para o ringir do embalo da rêde da chefia. Desamoita o diabo dentro de cada um, a principiar por Habão. Sofre séria crise de consciência e se faz chefe, às brutas, como lhe insuflou a coisa ruim. Não segue, porém, seus ditames, quer ser chefe homem humano. Despacha, em boa paz, a Zé Bebelo. Vai, agora, êle, Riobaldo, revirar o sertão, liquidar com os hermógenes.

Começa por reforçar sua tropa de jagunços, aliciando os catrumanos e os capiaus de Sucruuiu. Não lhes desfralda estandarte de reivindicações nem lábaros de liberdades. Não lhes fala em ideais ou coisa que o valha.

A cobiça é premissa da ação. Toca-lhes no interesse, “que eu pretendia era retirar aquêles, todos, destorcidos de suas misérias¹⁴²”.

Com os catrumanos leva o cego Borromeu. Com os enxadeiros do Habão, Guerigó, um menino prêto. O primeiro (burro meu), símbolo de um povo sanhudo, selvagem, porém, fácil de se cabrestar. O segundo representando uma das classes mais simples, crédula, a dos camponeses, cômoda de se explorar. E atira-se à luta. Reatravessa o sertão. Dá combate aos hermógenes, exterminando-lhes com a raça. Na refrega, vê o diabo à solta, na rua — o entrechoque é num povoado — no meio do redemoinho (alusão à ferocidade dos homens entrematando-se). Nela matam Diadorim que, morto, se revela mulher.

Cumprida sua sina, Riobaldo abandona a jagunçagem e volta ao rincão nativo, Urucaís. Antes, porém, conduz à terra dêles o cego Borromeu, o menino e os catrumanos que sobraram da carnagem. Lá chegado, fica sabendo o nome certo daquelas paragens: Veredas-Altas. O que se depreende da simbólica do autor: não há veredas mórta, não há fins de estradas, qualquer trilho, por ínvio que seja, pode conduzir um povo a um alto destino.

Eis em linhas sucintas *Grande Sertão: Veredas*. Sem imediatismos políticos, ou ideológicos, sem patriotadas, João Guimarães Rosa deu-nos o mais brasileiro dos romances.

CITAÇÕES:

1. José Ortega y Gasset — *La Deshumanización del Arte*.
2. Eduardo Spranger — *Formas de Vida*.
3. Wilson Chagas — *Da Difícil Maturidade*.
4. Gladstone Chaves de Melo — *A Língua do Brasil*.
5. Roque Callage — *Vocabulário Gaúcho*.
6. Frederico Nietzsche — *Le Gai Savoir*.
7. Euclides da Cunha — *Os Sertões*.
8. Jean Duvignaud — *Sociologia da Arte*.
9. João Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*, Editora José Olympio, 4.^a ed., p. 53.
- 10, 11, 12, 13 e 14 — Id., pp. 293, 294, 295 e 336, respectivamente.